



Entrevista coletiva concedida pelo Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, à imprensa esportiva internacional (Le Temps, Le Matin, La Tribune de Genève, Agence France Press, Associated Press e Around the Rings)

Genebra-Suíça, 15 de junho de 2009

Jornalista: O que o faz pensar que, depois de ter obtido a Copa do Mundo de 2014, o Brasil ainda poderia receber os Jogos Olímpicos em 2016?

Presidente: Eu penso que as duas coisas precisam ser analisadas diferentemente. Nós estamos reivindicando o direito de fazer as Olimpíadas porque achamos que o Brasil tem total condição de organizar uma olimpíada. A América do Sul nunca recebeu e nunca fez uma olimpíada, e a primeira e única feita na América Latina foi em 1968, no México. O Brasil está entre as dez principais economias do mundo e é o único das dez maiores economias que nunca realizou uma olimpíada. O Brasil é um país apaixonado por esportes. Fizemos os melhores Jogos Pan-Americanos da história dos Jogos Pan-Americanos. Vamos realizar a Copa do Mundo e queremos realizar as Olimpíadas.

Do ponto de vista prático, tanto os Jogos Pan-Americanos quanto a Copa do Mundo são uma *avant-première* do que nós vamos fazer nas Olimpíadas. Do ponto de vista da estrutura das Olimpíadas, certamente nós teremos 80% de tudo pronto com a Copa do Mundo, tanto do ponto de vista esportivo quanto do ponto de vista de infraestrutura para receber os Jogos Olímpicos.

Ademais, é preciso que o Comitê Olímpico veja a realização dos Jogos Olímpicos como a possibilidade de transformar a realidade de um país. O Brasil vem num grande esforço e avanço social da nossa sociedade e achamos que



as Olimpíadas podem contribuir para que a gente tenha, em 2016, uma consagração do desenvolvimento econômico do País com o desenvolvimento do esporte no país. Afinal de contas, o Brasil trabalha para se transformar em uma potência olímpica. Também tem uma coisa importante: Chicago, Madri e Tóquio pertencem... são capitais de países, menos Chicago, que já realizaram Olimpíadas. E as Olimpíadas precisam, da forma mais democrática possível, percorrer os continentes.

Certamente depois que a América do Sul conquistar o direito de fazer as Olimpíadas, certamente outros continentes irão brigar para fazer as Olimpíadas e logo, logo o continente africano estará reivindicando. Afinal de contas, as Olimpíadas não são um exemplo para serem feitas apenas em países ricos. Eu estou convencido de que o Rio de Janeiro oferece todas as condições para estar altamente preparado em 2016 para fazer uma grande Olimpíada.

Jornalista: O Brasil está com perspectivas econômicas, com um desempenho econômico muito positivo, mas existe um problema de infraestrutura, do ponto de vista rodoviário, portuário. No que o esporte vai contribuir para desenvolver essa infraestrutura?

Presidente: É só nós analisarmos o que aconteceu nos países que realizaram Olimpíadas, e a última delas em Pequim. Eu tive a oportunidade de visitar a Vila Olímpica em Pequim, tive a oportunidade de visitar a construção que está sendo feita em Londres, e o Brasil tem plenas condições de ter um processo de infraestrutura concretizado, até porque grande parte da infraestrutura já será feita para a Copa do Mundo.

Desde 2007 nós temos um Programa de Aceleração do Crescimento econômico no Brasil. São investimentos de mais de US\$ 300 bilhões em infraestrutura. No Rio de Janeiro, independentemente das Olimpíadas, o governo federal, o governo estadual e o governo municipal estão fazendo



grandes investimentos em infraestrutura, independentemente da Copa do Mundo ou das Olimpíadas. Mas são obras que irão contribuir de forma decisiva para que, quando chegar 2016, nós estejamos preparados do ponto de vista de aeroportos, de metrô, de corredores de ônibus e de outra infraestrutura para realizar as Olimpíadas.

Uma Olimpíada, na verdade, é uma provocação positiva para um país que quer se transformar, não apenas em uma potência econômica, mas também em uma potência olímpica.

Só para vocês terem ideia, quando nós construímos a Vila Pan-Americana nós vendemos todos os apartamentos em um único dia. Além do que, eu acho que a beleza natural do Rio de Janeiro vai permitir a realização da mais bonita Olimpíada já realizada. E temos assumido o compromisso. Não é um compromisso do presidente Lula, do governador Sérgio Cabral ou do prefeito. O compromisso é do Estado brasileiro e [de] seus entes federados. Portanto, é um compromisso do povo brasileiro.

Jornalista: O presidente Lula citou as cidades que são adversárias do Rio, concorrentes. Barack Obama está influenciando muito em favor de Chicago. Será que essa defesa de Chicago pelo presidente Obama inquieta um pouco o presidente Lula?

Presidente: Veja, não me inquieta porque eu acho democrático. Eu sou amigo do Obama, eu sou amigo do Zapatero, sou amigo do Primeiro-Ministro japonês, mas isso não é uma ação entre amigos. Isso é uma disputa política, e se você for analisar os efeitos da crise econômica no momento em que o Comitê Olímpico for decidir, o Brasil está mais preparado para sair da crise do que os Estados Unidos, do que a Espanha, do que o Japão. O Brasil foi o último país a entrar na crise e é o primeiro país a sair da crise. Portanto, um país que tem como perspectiva um crescimento econômico... um crescimento de um PIB de



5% ao ano, uma economia sustentável como a brasileira, um povo apaixonado por esportes, vai disputar em igualdade de condições com qualquer país do mundo. O que eu acho é que o Comitê Olímpico tem que levar em conta a importância da América do Sul e, dentro da América do Sul, a importância do Brasil.

Jornalista: Nós temos outros países organizando grandes eventos... (incompreensível). E, por exemplo, está tendo problemas de financiamento nos torneios de futebol.

_____ : A Uefa, a Copa da Uefa.

Jornalista: (incompreensível) tendo dificuldades, a Ucrânia, para financiar. Que garantias o senhor poderia dar de que não haveria um custo, uma espiral ascendente muito grande para o Brasil?

Presidente: Aliás, nós já temos as garantias porque já apresentamos ao Comitê Olímpico as condições e o projeto brasileiro de realização das Olimpíadas. Muitas vezes, as pessoas só perguntam quanto nós vamos gastar, mas as pessoas também não perguntam quanto nós vamos ganhar.

A realização de uma Olimpíada em um país é um incentivo extraordinário a investimentos de empresários, de cidades, dos estados e do governo federal. E nós estamos preparando o Brasil independentemente das Olimpíadas. Nós estamos trabalhando para recuperar o atraso a que o Brasil ficou submetido durante muito tempo.

Eu conheci Barcelona antes das Olimpíadas, eu fui ver o local onde estão sendo realizadas as Olimpíadas em Londres, e o Brasil oferece muito mais condições. Vocês não de convir que a crise no Reino Unido é muito mais forte do que a crise brasileira.



Uma coisa que eu aprendi também é que possivelmente as Olimpíadas no Brasil sejam motivo de um atrativo muito maior do que as Olimpíadas feitas na Europa, que já realizou muitas e que não tem nenhuma novidade. Agora, imagine o Brasil que faz fronteira com quase todos os países da América do Sul, menos com o Equador e com o Chile. Imagine a possibilidade de um continente que nunca teve a chance de realizar uma Olimpíada, o que terá de motivação para realizar uma Olimpíada. E o Brasil não apenas está preparado, como está motivado. Por isso o Estado brasileiro assumiu o compromisso com a realização das Olimpíadas. Alguns falam em gastos e eu prefiro falar em investimentos, porque o que for feito para as Olimpíadas ficará durante muitas décadas para a utilização da sociedade brasileira.

É importante que a gente veja não apenas até os Jogos Olímpicos, mas que a gente consiga enxergar depois dos Jogos Olímpicos. O país passa a ser mais referência para outros grandes eventos. Por isso, eu estou convencido de que os investimentos para realizar uma Olimpíada motivarão amplos setores da economia brasileira, através do setor privado, para construir coisas que lhe deem retorno depois das Olimpíadas.

Jornalistas: O senhor falou dos Jogos Olímpicos e de o Brasil se tornar uma potência olímpica. O que significa uma potência olímpica? Porque, no exterior, o Brasil é conhecido apenas por um só esporte: o futebol. O que o senhor está propondo? Qual é a sua ideia de potência olímpica?

Presidente: Primeiro, não seja injusto conosco, que há apenas o futebol. Nos últimos anos, o Brasil ganhou tudo que tinha que ganhar no vôlei, apenas para que não fique no futebol. O Brasil tem ganhado menos do que deveria ganhar. Foi por isso que quando eu tomei posse como presidente, eu criei o Ministério do Esporte, e nós sabemos que isso é um processo. Nós temos um projeto chamado Segundo Tempo, que tem mais de um milhão de crianças praticando



esportes nas escolas. Nós estamos construindo centros em quase todas as cidades importantes do Brasil para facilitar a prática de esportes pela juventude brasileira, nas escolas brasileiras. Antes o esporte era ligado ao Ministério do Turismo e nós, então, resolvemos criar um ministério só para cuidar do esporte.

Temos obtido avanços extraordinários, por exemplo, nas Paraolimpíadas. Quase todos os atletas paraolímpicos são financiados por um banco público brasileiro. Tem muitos outros atletas que recebem o Bolsa Atleta. As empresas privadas só querem financiar os atletas quando eles são famosos, quando eles ganham medalhas de ouro. Mas, até ganharem medalha de ouro, eles precisam de apoio.

No Brasil, hoje, nós temos 3 mil atletas recebendo um salário para poder praticar esportes. E é isso que nos convence, além dos centros de excelência que estamos fazendo em alguns estados para que a gente possa se tornar uma potência olímpica.

Jornalista: Senhor Presidente, nós falamos de futebol, falamos de potência olímpica. O senhor não fica preocupado quando se vê que os jogadores brasileiros de futebol se tornaram uma espécie de mercadoria muito cara, de exportação, que são vendidos para o exterior?

Presidente: Eu penso que o futebol é o maior sinal dos efeitos da globalização no mundo. Eu assisto muito o futebol europeu e eu fico impressionado com a quantidade de africanos jogando na Europa, de brasileiros, de sul-americanos e de latino-americanos. São jogadores do México, são jogadores do Peru, são jogadores da Argentina, do Brasil, do Uruguai. Você veja que a Seleção brasileira não tem um jogador que joga no Brasil. Você veja a diferença da força dos times ingleses com a força da Seleção inglesa, ou seja, os times ingleses são muito mais fortes do que a Seleção inglesa. Na Espanha é a mesma coisa. O que o Real Madrid fez agora com o Kaká e com o Cristiano



Ronaldo era imaginável. Um jogador desses está ganhando cem vezes o que o Pelé ganhou, mesmo sendo considerado o atleta do século. Eu acho que os jogadores ganham bem, e certamente os clubes devem ganhar muito mais porque senão não fariam esses investimentos. Eu acho que isso é uma coisa boa, é uma coisa importante, porque eu acho que ganham os meios de comunicação, que pagam muito caro para transmitir esses jogos, ganham os times de futebol e ganham os atletas.

Eu digo sempre que o Brasil durante muito tempo foi o país do futebol. Hoje o Brasil é um país produtor de jogadores, mas os clubes brasileiros não têm condições de competir com o Real Madrid, com o Manchester, com o (incompreensível), com o Barcelona. Então, eu penso que é uma coisa importante. Eu fico feliz quando um atleta ganha um bom salário porque é o único esporte praticado por pobres. Normalmente, filho de rico não joga futebol, é uma coisa de pobre, e eu fico extremamente feliz quando uma criança que nasceu em uma favela, daqui a pouco está assinando um contrato de milhões. Eu acho isso extraordinário. É uma evolução excepcional: jovens pobres da África, da América Latina, que passam a ganhar um bom salário, que aprendem a falar uma, duas, três línguas. Eu acho isso extraordinário.

Jornalista: O que o Brasil está fazendo, como pode o Brasil diminuir a desigualdade entre ricos e pobres?

Presidente: Como o mundo inteiro diminuiu. É importante que a gente olhe a Europa no começo do século XX e que a gente analise a evolução que houve no continente europeu, e isso vai acontecer no Brasil. Hoje nós temos a demonstração viva de que é plenamente possível você contabilizar uma política de desenvolvimento concomitantemente com o crescimento da renda das pessoas.



No nosso governo nós colocamos 20 milhões de pessoas na classe média. Nós garantimos um aumento real de 65% para os trabalhadores que ganham menos. E constituímos uma política de consumo para os pobres que eu acho que não existe hoje, com exceção de China, Brasil e Índia, exemplo no mundo de um mercado de massa em que os pobres começam a ter acesso às coisas que antes lhes eram negadas. Esse é um processo, é um processo que leva uma geração para ser construído. O que é importante é que nós encontramos o caminho.

Jornalista: Eu sei que o senhor tem outros compromissos e que o senhor tem uma equipe excelente representando-o (incompreensível). (incompreensível) tem que esperar até (incompreensível).

Presidente: Eu, na verdade, gostaria de ter podido ir a Lausanne fazer um debate com os delegados, mas não foi possível. Eu recebi o Comitê Organizador lá no Rio de Janeiro, eu penso que tivemos uma boa conversa, e nós também temos que respeitar os nossos concorrentes. Eu não quero disputar com Chicago falando mal de Chicago, eu não quero disputar com Madri falando mal de Madri, ou de Tóquio. Eu quero apenas poder convencer que o Brasil pode fazer a melhor Olimpíada e pode fazer muito melhor. Para os outros será apenas mais uma Olimpíada. Para o Brasil é a autoafirmação de um povo, a autoafirmação de um país, e as Olimpíadas contribuirão de forma decisiva para que isso aconteça. Nós temos que pensar nos milhares de trabalhadores que vão trabalhar para a realização (incompreensível).

Eu [me] lembro que nos Jogos Pan-Americanos as pessoas tinham preocupação com a segurança e nós conseguimos realizar os Jogos Pan-Americanos sem que acontecesse um único incidente. Pelo contrário, nós convidamos as comunidades mais pobres – dez mil jovens participaram como voluntários, jovens moradores das favelas – e vocês podem perguntar para



quem participa do Comitê que organizou os Jogos Pan-Americanos se já houve uma organização tão impecável quanto a nossa.

O que nós, na verdade, achamos é que o Brasil não está reivindicando nada mais nada menos do que uma oportunidade de uma Olimpíada realizada na América do Sul e no Brasil.

(\$31DGJMQ)